

SINCRETISMO E OUTRAS MANHAS

Estudioso do mundo clássico
aborda a cultura negra

Cid Seixas

As Águas do rei, livro essencial de Ordep Serra, consegue irrigar e emergir importantes temas relacionados ao candomblé, em particular, e ao negro, em geral. Como o autor não fica restrito às questões religiosas, mas discute outros aspectos da cultura de substrato africano, o livro traz um vasto painel etnográfico do viver baiano.

A natureza antropológica dos estudos tem a sisudez científica quebrada por uma linguagem inteligente, bem humorada e extremamente ágil, especialmente nas primeiras páginas do livro. Como Ordep Serra sabe

escrever, e muito bem, o que é essencial no âmbito das humanidades ou das ciências da cultura, *Águas do Rei*, além de contribuir para a reatualização do enfoque do universo estudado, é uma opção de leitura agradável e um estímulo ao juízo crítico do leitor.

Formado basicamente de três longos estudos — “Jeje, nagô e companhia”, “Sincretismo e separação” e “Jorge Amado, sincretismo e candomblé: duas travessias” — o livro encontra seu centro constelar no segundo ensaio, que, aliás, foi o ponto de partida da obra. Aí, a formação clássica do autor e sua intimidade com o pensamento grego e a riqueza mítica do paganismo iluminam a discussão de uma cultura moderna, a baiana, que enriquece o pensamento cristão ocidental com os aportes do paganismo africano. O livre trânsito do antropólogo por um espaço cultural de considerável amplitude faz do seu trabalho uma obra rica e sedutora para o leitor inteligente. Admira-se sobretudo a invejável formação clássica que vem em socorro dos seus argumentos.

Se o primeiro ensaio traz alguns fatos pitorescos, porém marcados por uma reflexão acurada e interpretativa, sem abrir mão de uma linguagem com certa dose de irreverência, o segundo mergulha fundo nas águas

do Rei. A situação do sincretismo nos nossos dias é vista de um modo que convida o leitor a formular hipóteses sobre o destino religioso de um dos maiores países católicos do mundo, o Brasil.

Durante muitos anos, a Igreja Católica insistiu em afastar seus fiéis de manifestações consideradas sincréticas, em oposição à pretensa pureza da sua liturgia. Depois, seria a vez dos chamados evangélicos construírem, disfarçados em princípios teológicos, os preceitos racistas contra o universo da negritude. No final do século XX, a partir de uma revisão histórica empreendida por líderes religiosos de alguns terreiros, o projeto de apagamento do sincretismo também ganhou expressão em uma das nossas mais respeitadas Casas de Santo. Não esqueçamos que os estudos etnográficos que se valeram da observação do candomblé retornaram a esse espaço como obras de consulta e (in) formação: ialorixás e ministros do axé passaram a buscar nas obras etnográficas um caminho de reencontro formal com a velha África. Assim, análises de ontem e de hoje, como a de Ordep Serra, têm influência direta sobre a comunidade do axé.

Ele lembra que o sincretismo, posteriormente exorcizado pela Igreja, foi imposto

Capas de livros de Ordep Serra



por ela durante a vigência do sistema escravagista. Os negros eram batizados compulsoriamente, até mesmo nos portos, onde se tornavam “ao mesmo tempo, cristãos e mercadorias.” Mas a integração incompleta desses homens-mercadoria na sociedade senhorial — o que, aliás, era uma imposição social — fez com que a Igreja não tivesse êxito em

dotar os negros de “almas brancas: a água do batismo não lavou em todos a consciência dos valores próprios”. Mesmo perseguidos na adoração das suas divindades, eles souberam encontrar pontos de convergência entre os orixás e a hierarquia de inspiração pagã que liga os santos católicos ao Deus judaico-cristão. Nesse sentido, além da manha e da astúcia necessárias à sobrevivência da humanidade negra, o sincretismo foi marcado por uma orientação teológica profunda e uma intuição mística de grande saber ancestral.

Conforme demonstra Ordep Serra, equivalências sincréticas como a estabelecida entre São Jorge e Oxóssi são verdadeiros achados “arqueológicos”. A presença dessa entidade antiga, de provável inspiração pagã, no pantheon católico já convida a uma ressincretização...

Mas o problema que hoje se apresenta diante de posições contrárias ao sincretismo não mais ameaça o candomblé, cujo culto ganhou prestígio social e considerável espaço de reflexão. Tanto o Cardeal Primaz do Brasil, quanto a Ialorixá do Ilê Axé Opó Afonjá defenderam, com relativa intransigência, em momentos que precederam o apagar das luzes do século passado, o branqueamento — ou o esmaecimento — da identifi-

cação historicamente sedimentada entre as duas religiões. Numa cidade como Salvador, cuja população de origem negra chega a mais de oitenta por cento, tal ruptura ameaçaria tornar o catolicismo uma das religiões com menor número de adeptos. O grande contingente de fiéis baianos que enche igrejas como as do Bonfim, de São Francisco, de São Lázaro, e outras, é formado por pessoas que procuram nas imagens do peji católico um encontro tangível com o Orixá da sua cabeça, ou da sua devoção.

Mas se ontem, a Igreja não conseguiu exorcizar o sincretismo, será que em seguida os líderes religiosos do Candomblé, inspirados em perspectivas semelhantes, conseguirão despojar este aspecto da fé do baiano? Mesmo o resgate do orgulho étnico — ferido por imposições — pode não ter força suficiente, quando o assunto diz respeito a um dos sentimentos mais arraigados e profundos da nossa gente: a fé curtida pelo tempo ancestral. Creio que de pouco adianta ao homem comum, ao filho contrito dos santos negros e brancos, a compreensão histórica ou etno-gráfica das origens do sincretismo. Se este nasceu de uma imposição, a identidade encontrada e construída ao longo dos anos forjou uma religiosidade

baiana com evidente independência tanto de Roma quanto da África. Se o animal humano é formado por suas crenças, será preciso destruir o sujeito para impor novas crenças.

Nesse sentido, a compreensão que Jorge Amado tem do sincretismo e da mestiçagem deixa de lado a análise dos fatores históricos para considerar o seu resultado. Assim, quando, de um lado, os antropólogos e, de outro, os críticos insistem em encontrar ingenuidade e excesso de simplificação no pensamento do narrador e dos personagens amadianos, estamos diante da aceitação de uma práxis.

Quando um raciocínio ganhava caráter demasiadamente escolástico, o velho Marx apelava para a prática concreta dos homens. Seria também ingenuidade da filosofia da práxis?

Mas por que a obsessiva procura de pecados e vícios na obra amadiana? Os possíveis erros e equívocos cometidos pelo escritor não constituem motivos para apagar a sua baianidade. O ensaio “Jorge Amado, sincretismo e candomblé: duas travessias” é uma honesta abordagem etnográfica da obra do escritor, onde são destacados aspectos positivos e contraditórios no universo ficcional construído por Jorge Amado.

Por outro lado, Ordep consegue identificar fortes preconceitos em críticos que elegem por esporte a caça às bruxas burguesas na narrativa amadiana, flagrando uma deliciosa guerra de não-me-toques. Quando Jorge Amado sustenta a celebração da raça negro-mestiça na sensualidade e na sexualidade despida do sentimento de culpa infundido pela mundividência cristã, muita gente vê



aí, ao contrário da exaltação, um rebaixamento do negro e do mestiço. Quando uma mulata amadiana se entrega ao homem desejado, a crítica puritana aponta um excesso de doação e permissividade por parte da mulher, estabelecendo critérios e normas a serem obedecidos pelo desejo. Ordep dá o troco, se divertindo com as peripécias de heroínas alvas e arianas ao longo da tradição literária ocidental.

Não se acusa Shakespeare de coisa alguma por permitir que a sua Julieta se entregue gostosamente a um inimigo da família, mas Gabriela é acusada de permissiva, como as negras e mulatas gestadas por Jorge Amado. Para os críticos mais enfezados, nos intestinos e na cabeça, a sensualidade retratada na mulher baiana não seria resultado de uma observação pertinente pelas noites de boemia, mas de um preconceito do escritor. Segundo esses puritanos, a mulher baiana seria a própria encarnação da casta Virgem Maria...

O criador de Gabriela incomoda a muita gente, entre outras coisas, por ter sido o primeiro intelectual de respeitabilidade a assumir, com as armas da ficção e da arte, a defesa e a dignificação da raça negra e, principalmente, da raça mestiça que, segundo ele, seria o brasileiro mais autêntico. Os inebria-

dos defensores de araque da negritude queriam ser os feitores do combate à intolerância e ao preconceito, negando ao ficcionista uma qualidade básica do seu invento.

Embora o antropólogo Ordep Serra não dispa o hábito do monge ao examinar a obra amadiana, seu estudo é essencialmente uma importante contribuição ao entendimento literário do escritor. Ordep fala da ficção de Jorge Amado como um antropólogo diante de uma realidade simbólica de natureza social, o que não ocorre, por exemplo, com Roberto da Mata, que lê Jorge Amado com os olhos de um leitor de ficção.

Mas o livro *Águas do rei* é uma contribuição importante não apenas à etnografia, mas, pelo enfoque do objeto, aos estudos literários mais imanentes e atuais.

linguagens.ufba.br/2021/sincretismo.pdf

SINCRETISMO E OUTRAS MANHAS. Artigo de jornal sobre o livro *Águas do rei*, ensaio etnográfico, de Ordep Serra. Petrópolis, Vozes, 1995. In SEIXAS: Coluna “Leitura Crítica” de *A Tarde*, Salvador, 22 mai. 95, p. 7.